

EBAL & MANGUEIRA

EDITORA BRASIL-AMERICA

APRESENTAM O ENRÊDO

MERCADORES E SUAS TRADIÇÕES

PARA O CARNAVAL DE 1969



Edição Especial
de QUADRINHOS



Mangueira trabalha em equipe

O grande segredo da Estação Primeira da Mangueira é a equipe que possui. Poderia, sem medo de errar, afirmar que é esse o motivo da nossa Escola ter evoluído muito nos últimos anos. O grupo de diretores e auxiliares que me cercam só têm uma preocupação: elevar o nome da Mangueira.

A vaidade, muito comum nos homens que têm contato diário com o povo, felizmente não domina na Estação Primeira e o que se vê é uma equipe de trabalho coesa, capacitada e que prima pelo senso de responsabilidade.

O carnaval que apresentamos em 1969 é a prova disso.

Nossa responsabilidade foi aumentada com a conquista do bicampeonato.

O povo cada vez mais prestigia nossa Escola e sempre espera muito mais dela.

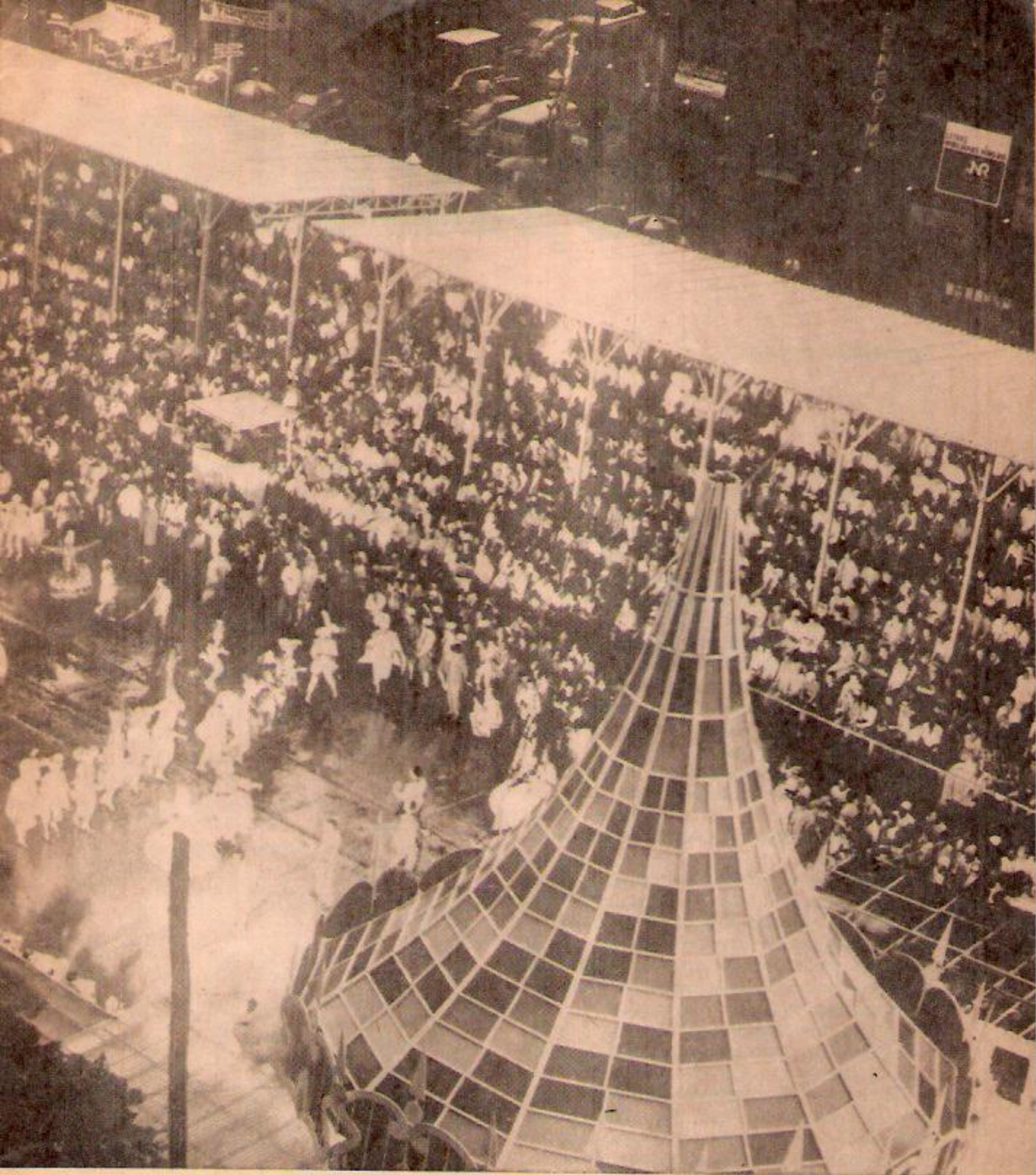
A Mangueira, então, não mediu esforços. Com sacrifício, suor e até lágrimas, procuramos dar tudo de nós para conservar sempre elevado o conceito da Estação Primeira. Entregamos novamente a organização do carnaval à Comissão que levantou o bicampeonato, presidida por Djalma Santos, também vice-Presidente Administrativo da Escola.

Enquanto isso, administrávamos nossa Mangueira para poder dar condições de trabalho e financeira a essa Comissão de Carnaval.

Hoje, unidos, temos a certeza que o êxito foi total e a vocês, amigos da Mangueira, para quem fazemos carnaval, apresentamos nossa história MERCADORES E SUAS TRADIÇÕES...

Juvenal Lopes,
Presidente da
E. S. E. P. da Mangueira





Há um ano atrás, Mangueira desfilou nessa mesma Avenida Presidente Vargas. O dia clareava, a chuva parava e o povo se levantava nas arquibancadas, aplaudindo-a e incentivando-a. Essa ajuda nos valeu o bicampeonato e, agora, voltamos para homenageá-lo.

Mercadores

Agostinho Seixas

No alvorecer do século XVI, tangidos pelos ideais de conquistas e riquezas, navegantes europeus vieram ter às costas de Imensas Terras, livres para as aventuras na imponência de sua natureza, no encantamento de sonhos e poesia e envôlta no mistério insondável de tesouros ocultos e intocados.

E surgia aos olhos da frota portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral, na amplidão do Oceano, magnificamente debruçada a Terra prometida e abençoada, engastada ao longo do litoral em "mares nunca dantes navegados".

Espetáculo de beleza e côres deslumbrantes, de um céu luminoso, refletindo nas águas e nas areias claras de suas praias os dourados raios do "sol de um Nóvo Mundo".

Práticos que eram nas aventuras marítimas, os conquistadores já traziam na provisão de suas cargas, adornos e jóias, pedras e miçangas, para seduzir e utilizar como presentes ou num provável mercado de troca com os nativos ingênuos, conhecedores do território.

Foi assim nos primeiros tempos...

Aquí e ali, pelo interior do sertão ainda rude e impenetrável, as tabas e malocas, repletas de tribos, conservando a mesma paisagem de épocas desconhecidas e já distantes...

Em grupos isolados, as tribos andantes vez por outra, em grupos isolados com seus chefes faziam incursões ao litoral, nas praias, pelas encostas ou à beira dos rios, observando e mantendo contato com os descobridores estrangeiros que, de início, se fixaram pelas regiões litorâneas.

Distraídos, hospitaleiros e mansos que eram, os silvícolas simples e ingênuos estreitavam laços de amizade com os conquistadores brancos, que, na impossibilita-

de de uma rápida penetração, permaneciam no litoral, até consolidar a posição, até efetivar o plano de exploração e monopólio da terra, que se caracterizou com a extração da árvore de tinta vermelha — o PAU-BRASIL, que deu o nome à Imensa Pátria, e a que os índios chamavam "IBIRA-PI-TANGA" (Pau Vermelho).

MERCADO DE MADEIRA

A extração e o embarque, em derrubadas colossais do "Pau-Brasil", constituiu a atividade pioneira dos dominadores que entregaram o negócio a MERCADORES e capitalistas, dedicados àquele setor de economia destrutiva. Em 1511, FERNÃO DE NORONHA, ou como dizem alguns historiadores FERNANDO DE LORENHA, poderoso e rico, figurava entre os mercadores de Pau-Brasil, bem como, em 1513, JORGE LOPES BIXORDA também tinha "Trato de Pau-Brasil que trazem desta Terra de Santa Cruz". FERNÃO DE NORONHA, Cavaleiro da Casa Real, comprometia-se a mandar anualmente navios à nova terra, equipado de homens para o embarque de Pau-Brasil. Entre outros documentos históricos, um Alvará passado a 16 de janeiro de 1504 já dava em favor de FERNÃO DE NORONHA o monopólio da exploração do Pau-Brasil.

Assim permaneceu o tráfico de madeira, desde o século XVI até metade do XVII, abastecendo os mercados estrangeiros mais importantes, regredindo paulatinamente durante os séculos seguintes.

CANA-DE-AÇÚCAR

A cultura da cana-de-açúcar, cujas sementes foram introduzidas no Brasil por MAR-

E Suas Tradições

TIM AFONSO DE SOUZA, que as mandou vir da Ilha da Madeira, já nos meados do século XVI dava uma considerável produção de açúcar, em Santo Amaro na Bahia, Pernambuco e no Estado do Rio. E nesta faixa litorânea se estendeu rapidamente a cultura canavieira, fundando-se o primeiro Engenho de Açúcar, em São Vicente, entre os anos de 1532 e 1533, por MARTIM AFONSO DE SOUZA. Com o desenvolvimento surgido da Cultura da Cana, veio a necessidade de braços para a lavoura, no preparo da terra, e veio a introdução da escravatura negra, a implantação oficial de tráfico de escravos.

MERCADO DE ESCRAVO

Na metade do século XVI era reduzida a importação de negros para o Brasil, e, só no comêço do século XVII, se firmou o tráfico negreiro, que durou trezentos anos. Milhares foram os que chegaram para as tarefas de eito e da colheita, para os serviços domésticos e rudimentares do artesanato de Engenhos e fábricas de açúcar. Vendendo as "peças" como eram chamados os negros escravos, os Senhores "Donos e Negociantes de Escravos", como eram chamados oficialmente, viviam de fortunas acumuladas nos Leilões de negros armazenados e depositados nos trapiches do Valongo no Rio de Janeiro, Mercado da Água dos Meninos na Bahia, e os de Recife, em Pernambuco. Chegaram os negros nos conhecidos navios denominados "Tubeiros", desembarcando nos portos para o anúncio e venda em leilões. Em 1538, veio da Guiné a primeira leva direta de negros escravos, trazidos no navio que pertencia às frotas de JORGE LOPES BIXORDA, Mercador e arrendatário da Colônia. O tráfico já em 1585 indicava que, na Colô-

nia, havia 14.000 negros escravos distribuídos pela lavoura de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, daí num nível sempre crescente. Tribos inteiras eram trazidas para o Brasil espalhadas por tôdas as regiões. No comêço do tráfico procediam de Angola, Congo e da Guiné o maior número dos negros. Eram os Nagôs, os Gêges, os de Moçambique, Angola, Mina, Tapas, os Haussás, os Mandigas, os Fulas, e outros tantos da grande família dos Bantus. Muitos chegavam ainda Reis de suas tribos, que eram arrancadas inteiras de seus domínios da África. Alguns conseguiram mais tarde restabelecer a "côrte" com princesas e rainhas, conservando o ritual de seus clãs.

A cada dia, navios atopeados de escravos davam às costas do Brasil, descarregando enormes levas. O litoral e o sertão se povoavam, fazendo surgir grupamentos humanos, e assim foram surgindo Vilarejos, Municípios e Cidades, de norte a sul pelos confins do sertão brasileiro.

Da lavoura da cana-de-açúcar à do café, até o descobrimento das Minas, prestou o escravo negro o tributo de seu laborioso e árduo trabalho para a conquista do solo.

MERCADO DE OURO

A idéia fascinante da descoberta das Minas, desde o início do descobrimento alimentava cada vez mais a esperança dos colonizadores. Pelas encostas das serras, pelas margens ao longo dos rios, entre as cachoeiras e cascatas, rasgando novos horizontes, era maior a cobiça dos tesouros que a terra guardava ocultamente em suas entranhas, e as incursões pelos sertões eram intensas. No final do século XVII, desbravam-se as terras de MINAS GERAIS, rasgando-se a trilha para o descobrimento das

minas auríferas. Surge a riqueza inesgotável do solo, atraindo imigrantes de todas as nacionalidades, para a busca do ouro e das pedras preciosas, em Minas, Bahia, Goiás e Mato Grosso. Encontrado retido nas areias fluviais, está o ouro de aluvião, tendo início o período da mineração, que já em 1710 é a principal riqueza e a mais procurada. A partir de 1730, quando a exploração das lavras atingia índice elevado, junta-se a ela a exploração das jazidas de diamantes arrendadas inicialmente a contratadores-MERCADORES oficiais de grande prestígio e fortuna. Ouro, diamantes, pedras preciosas — é o advento de uma nova fase de riquezas, surgida no vale do Tripuí, em Minas Gerais, despertando a atenção não só dos sertanistas, e mais ainda o interesse dos aventureiros estrangeiros que vinham ter por todos os meios e modos ao Brasil, em busca de fortuna fácil nos veios da terra. Foi o sertanista Antônio Dias de Oliveira que avistou em 1698 o Itacolomi e o vale do Tripuí, fundando então o Arraial de Ouro Preto, mais tarde a famosa Villa Rica do século XVIII.

Rapidamente Villa Rica passou a ser o centro social de maior relevo, atraindo as atenções de nobres, intelectuais e artistas da época, a quem se juntavam figuras de poderosos MERCADORES DE OURO, contratadores licenciados, alimentando vaidades e caprichos a esbanjar fortunas em ostentações e luxos jamais imaginados.

JOÃO FERNANDES DE OLIVEIRA e FRANCISCO FERREIRA DA SILVA foram os primeiros arrendatários dos contratos, desde 1.º de janeiro de 1740 a 31 de dezembro de 1743, cujo prazo após o término do primeiro contrato foi se renovando com os mesmos até 31 de dezembro de 1847. O terceiro posterior contrato de janeiro de

1748 a 31 de dezembro de 1752 foi arrematado por FELISBERTO CALDEIRA BRANT, que associou-se aos seus irmãos SEBASTIÃO, JOAQUIM e CONRADO CALDEIRA BRANT. Entre todos o mais importante e influente, dono de imensa fortuna, foi JOÃO FERNANDES DE OLIVEIRA, com quem ficou o quarto contrato de seis anos de duração desde o dia 1.º de janeiro de 1753 até 31 de dezembro de 1758. A fabulosa fortuna de Fernandes de Oliveira criou em torno de seu nome histórias quase lendárias no Arraial do Tijuco, onde conheceu e casou com a escrava Chica da Silva, tornando-a Rainha de um Império total e inteiramente seu, feito aos moldes e caprichos de sua vontade absoluta...

Conquistada Chica da Silva, a quem João Fernandes vira e conhecera sambando no terreiro da fazenda de certo capitão seu amigo, surge anos depois no Arraial do Tijuco um aventureiro estrangeiro Mercador de Jóias, de nome ISAÍAS MAFRA, trazendo consigo a linda oriental JUDITH, de invulgar beleza, cabelos negros, olhos claros, feições magníficas...

João Fernandes deseja-a e acaba propondo a compra da linda mulher, a quem Isaias entrega por preço alto. Ao fim de certo tempo, Chica da Silva descobre a traição e manda seus servos, homens de confiança, matarem sua rival. Ferida em seu amor-próprio, a mulata Chica da Silva, cheia de ódio e revolta, faz chegar às mãos de João Fernandes, em duas malas, o corpo da bela Judith decapitada. Nada transpareceu e o crime foi abafado pelo poder fabuloso do grande MERCADOR DO TIJUCO

Em meio a romances e tragédias, competições de luxo e riquezas, proliferavam a cada dia os donos de fortunas incalculáveis. JOÃO BATISTA FERREIRA DE SOUZA COUTINHO, que mais tarde foi o Barão

Lendária impressão das "Mil e uma Noites"

de CATAS ALTAS, proprietário único da Mina de Congo-Séco, foi um dos exemplos de tanta opulência que teve o Brasil em sua idade áurea. Possuía em ouro maciço infinidades de baixelas que mandou cinzelar. Diante de seus convidados, ao fim de lautos banquetes, quebrava todos os cristais pelo prazer de substituí-los no dia seguinte. Para maior de suas alegrias e surpresa delirante de seus convidados, mandava servir banquetes em cujo cardápio constava almôndegas... porém de ouro maciço, para perplexidade de seus convivas. E, daí em diante, suas iguarias — nozes, castanhas e outras guloseimas — eram distribuídas em ouro para os convidados. Não satisfeito, ofertou ao Imperador um cacho de "Bananas todo de Ouro", por ocasião da visita de Sua Majestade Imperial ao dono e senhor das jazidas de CONGO-SÉCO. Assim foram as figuras ao tempo do Eldorado Brasileiro, mercadores do século XVII e XVIII, quando vivia o Brasil uma fase difícil de ser acreditada, quando os braceletes e brincos, colares e pulseiras, chegavam até às senzalas para enfeitar os braços e as orelhas das escravas, adornando o colo das mucamas, mulatas sestrosas metidas em seus trajes de seda cara e véus franceses. Assim era o Eldorado do Brasil, dando a lendária impressão das "Mil e Uma Noites". As festas nos solares, as noites de bailes nos salões elegantes, com fidalgos e damas requintadas em luxuosos trajes. Tudo envolto no esplendor e brilho fascinante do ouro bruto ou trabalho, que brotava do seio da terra ainda virgem como um presente de Deus. E tanto foi o desperdício naqueles tempos, que o ouro e os diamantes sobravam até nas mãos dos escravos, através dos chamados "faiscadores ambulantes" e que tão bem se retrata na lendária figura de "CHICO REI", que, sen-

do escravo, emancipou-se e libertou todo o seu clã, restaurando e implantando simbolicamente sua real origem que foi em África.

Outros reinados com séquito de príncipes e princesas da origem negra ocorreram no Brasil, e bem conhecido foi o ritual de coroação de Rei Baltazar no Rio de Janeiro, ato público e celebrado pela irmandade religiosa do Rosário.

FAMÍLIA REAL (1808)

Transferida a família real para o Brasil em 1808, uma nova administração passa a reger os negócios no Brasil. Organizam-se todos os setores e outras normas são traçadas para o País. O Conde de Linhares mandou contratar técnicos para a mineração, controlando cientificamente por novos métodos a produção. Ele presumia que a mineração voltasse a atingir o índice de outros tempos. Com a abertura também dos portos, surgem novas perspectivas em todos os campos de atividades, no comércio, na indústria ainda rudimentar. No Rio de Janeiro, estabeleceu-se a sede da Corte, e sua população foi acrescida de cerca de 15 mil pessoas que chegaram com a comitiva de D. João VI e sua família. Iniciava-se uma nova fase de desenvolvimento, surgem os controles das Leis, dos Regulamentos, de novas Posturas, numa ação mais direta e estreita com a presença de Sua Majestade.

As cidades foram tomando impulso e se modelando paulatinamente. O Rio de Janeiro, que até 1760 não passava do perímetro entre a Praça 15 de Novembro e a Rua Uruguaiana, foi crescendo e tomando vulto, penetrando pela várzea e alcançando os rumos do chamado sertão, povoando-se cada vez mais. Entre a normalidade a alcan-

Surgiram, no comércio dos mascates, tipos originais

çar e o progresso a atingir, fundiu-se o resultado de três séculos de lutas laboriosas. As atividades incessantes do povo, com seus hábitos, usos e costumes, com suas tradições, com suas ocupações, emprestavam características particulares na conduta ocupacional com que foi sendo plasmada a civilização brasileira, dentro de sua nova estrutura.

MERCADORES e MASCOTES

Por Alvará de 27 de março de 1810, conforme publica a "Gazeta do Rio de Janeiro" (o primeiro jornal a circular no Rio) de 9 de maio de 1810 (quarta-feira), foi "Permitido que se possam vender pelas ruas, e casas todas as mercadorias, de que se tenham pago os competentes direitos". Era uma das provas evidentes de que a Côrte se interessava em regulamentar as atividades que vinham se introduzindo na vida do País. Os mercadores ingleses, franceses, turcos e italianos já anunciavam os lotes por atacado de mercadorias chegadas de fora. Os Mascates já tinham sua ocupação regulamentada para vender pelas casas e ruas, os "escravos de ganho" (que há tempos se ocupavam no oferecimento de serviços e na venda de peças de artesanato) juntavam-se aos que vinham do exterior em busca de negócios. Tecidos de algodão, linho, sêda e outros tipos de mercadorias de menor porte, leses, rendas, fitas e chamalotes franceses, que vinham enfeitar a sociedade clássica do tempo, aos poucos foram deixando lugar aos comerciantes de atacado e varejo, que se estabeleciam com armazéns e lojas no centro da cidade. O fenômeno não ocorria apenas no Rio de Janeiro, Capital da Côrte; notava-se em tôdas as cida-

des do Brasil. Aos poucos, a época da elegância requintada passa a se acentuar num ambiente de última moda e bom gosto a tôda prova.

Paralelamente, como acontece em tôdas as cidades do Mundo, surgiram, no comércio ambulante dos MASCATES (numa multiplicidade e variedade talvez nunca vistas em outra qualquer) tipos originais que se conservam nas tradições brasileiras.

Dos "congueiros" ou "gongueiros" aos aguadeiros, do vendedor de flôres (que percorrendo todos os dias, em horas regulares locais de reuniões elegantes, portas dos Teatros e saídas das Igrejas, ofereciam rosas, cravos e jasmims, violetas e outras espécies, curvando-se diante das damas e cavalheiros respeitosamente com um sorriso) até o mercador de iguarias, há uma infinidade de tipos tradicionais no panorama histórico das Cidades.

O mercador de brinquedos, o latoeiro, o tocador de realejo, a quitandeira e tantos outros, destacando-se a tradicional figura da BAIANA, têm sempre um lugar de destaque na fisionomia da Cidade. Com seu tabuleiro, pano da costa têm sempre os famosos "quindins". Descrevê-la seria repetir talvez a crônica da própria Cidade e a história do Brasil de encantos e poesias, nos pregões dos Mercadores e nas suas tradições, tão consideráveis que tiveram construída sua Igreja, ainda hoje existente, a de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores nos meados do século XVIII, e que se chamou também LAPA DOS MASCATES.

(Fontes de consultas e pesquisas: Na Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico, Biblioteca Nacional, Biblioteca Municipal, Real Gabinete Português de Leitura e Arquivo Nacional).

Roteiro da Mangueira é Para 6 Mil Sambistas

O roteiro representativo do enredo da Mangueira foi programado para 6 mil figurantes. Os 19 Diretores de Harmonia da Escola foram obrigados a dividi-lo em oito setores para melhor dirigi-lo durante o desfile. Toda a Diretoria da Mangueira e as Alas dos Boêmios e Compositores vão colaborar com a Harmonia, mas a maior responsabilidade é de Xangô.



A bateria de Mestre Valdemiro é sempre um ponto alto do desfile da Mangueira

COMISSÃO DE FRENTE
ABRE-ALAS
VENDEDORES DE JORNAIS

Ala dos Duques

Ala dos Jornaleiros

PREÂMBULO DA CONQUISTA

Dominadores Europeus
Descobridor — destaque
2 Carregadores de Arcas
Índios — Índias
Conquistadores Europeus

Ala dos Endiabrados
Ivan

Ala da Côrte

INÍCIO DA FIXAÇÃO NA TERRA PELO LITORAL

Carregadores de Madeira
Fernando de Noronha — destaque
Mercadores de Madeira
1.ª Alegoria

Antônio Ferreira de Souza
Ala Milionários de Paris
Representando os Conquistadores

INÍCIO CÍCLO DA LAVOURA CANAVIEIRA

Martim Afonso de Souza — destaque
Escravos e Escravas de Gana
Senhores da Lavoura e Damas

Jorge Barbosa
Ala Tôdas Elas São Assim (Grupo Opinião)
Ala Trunfo de Ouro (Masc. e Fem.)

Bahia
Passistas
Senhorinhas
Pernambuco
Inhózinhas
Rio de Janeiro
Iaiás
Passistas
São Paulo
Colheita de Café
Mucamas
Africanos — destaques
Rei Africano
Africanos
Mercadores de Escravos
Escravos-Escravas Africanas

Porta-Bandeira e Mestre-Sala

BATERIA — MADRINHA — BAIANAS

Rainha Gimba — destaque
Princesas Negras
Princesa — destaque
Gangazuma — destaque
Escravas Quituteiras

Senhores de Fazendas
Fidalgos e Damas
Berimbau
Capoeiras
Ogans
Lundu
Passistas
Filhos de Gandhi
Destaque
2.ª Alegoria

CÍCLO DO OURO — BUSCA DO OURO

Entradas e Bandeiras — Colonizadores
e Século XVII
Garimpo do Ouro — Minas
Garimpo do Ouro — Bahia — destaque
Garimpo do Ouro — Mato Grosso —
destaque
Mercadores de Pedras Preciosas
Pedras Preciosas — destaque
Mercadores de Diamantes
Mercador de Diamantes — destaque
Cristal da Rocha — destaque
Passista Nina

OURO PRÊTO E VILA RICA

Porta-Bandeira e Mestre-Sala
Sertanistas
Mucamas
Intelectuais e Damas
Nobres

Ala dos Boémios (Fem.) e Ala dos Dragões
Rosemary — Gargalhada — João Jorge
Ala das Brasinhas
Ala da Firmeza
Ala das Cabrochas
Ala Só Sei de Mim
Ala das Gatinhas
Trio Diferente
Ala das Mimosas
Grupo Pilantragem
Ala Dá Pra Entender
Ala dos Esforçados

Ala Moçambique Africanas
Ala dos Modernos
Ala Em Cima da Hora — Ala Mocidade
Serenos — As Batutas — Ala Pobres de
Vilma e Roxinho

Elenir Mattos
Ala das Princesinhas
Doralice
Bolinha
Ala Vê Se Tu Gostas e Ala dos Esforçados
(Fem.)

Ala dos Esforçados (Masc.)
Ala dos Barões (Masc. e Fem.)
Mestre Paraná
Grupo de Capoeiras São Bento Pequeno
Ala das Simpáticas
Ala das Grã-finas
Os Tremendões

Dona Miúda
Representando o Ciclo do Ouro

Ala dos Grã-finos — Ala dos Embaixado-
res — Ala Magnatas do Samba

Ala dos Seresteiros
Margarida Cardoso

Elizabeth
Ala Só Vai Quem Pode
Zinha
Ala dos Turistas (Masc. e Fem.)
Oscar
Cotinha

Mocinha e Arisio
Ala dos Imperadores
Ala Metida a Bacana e Ala das Dez Mais
Ala Escrete do Samba (Masc. e Fem.)
Ala dos Príncipes

Mercadores de Ouro e Damas
Ouro — destaque
Escravas
Trio do Pandeiro de Ouro — passistas
Contratadores e Damas

Isaias Mafra — destaque
Judith — destaque
Mercadores de Jóias

CHEGADA DA FAMÍLIA IMPERIAL

D. João VI — destaque
Carlota Joaquina — destaque
Realejo
Nobres
Comitiva

Nobre Dama — destaques
Vendedores de Cestos e Frutas
Convidados

Vendedores de Flores
Damas — destaques
Salões Elegantes

Senhora Fortuna — destaque
Mucamas

1.ª Porta-Bandeira e 1.º Mestre-Sala
Vendedores de Pássaros
Passistas
Fidalgos e Damas

Passistas
Baiaba — destaque

3.ª Alegoria
Mulatas Sestrosas
Aguadeiras
Passistas

D. Pedro I — destaque infantil
Vendedoras de Cata-Vento
Vendedor de Cata-Vento — destaque

ÉPOCA DA SEDE DA CÔRTE NO BRASIL

Destaque
Barão Catas Altas — destaque
Época da elegância

Destaques
Entrudo

Passista
Passistas

Ala Nós Somos Assim
Maria Ramos
Ala Psicodélica e Ala das Moreninhas
Carlinhos — Rogério e Pimpolho
Ala dos Aliados (Masc. e Fem.) e Ala
dos Reis

Galego
Wanda
Ala dos Fidalgos

Maria Aparecida Duarte

Ala dos Lordes e Ala Jovem
Ala Proibida — Ala Deixa Isso Pra Lá e
Ala dos Artistas

Maria Cândida e Laudelina de Souza

Ala dos Intocáveis (Masc. e Fem.) — Ala
dos Invencíveis e Ala das Caprichosas
Ala das Impossíveis
Ana e Dulcinéia
Ala dos Importantes (Masc. e Fem.) e
Ala dos Abandonados

Ilka Cavalcante
Ala Ninguém é de Ninguém e Ala das
Milionárias

Neide e Delegado

Trio Colored
Ala dos Nobres (Masc. e Fem.) e Ala dos
Guerreiros

Trio Guerreiras
Edina Sherazade

Representando uma Praça de Vendedores
Ala das Musas e Ala É Com Nós Mesmos

Maria Helena e Conjunto Show Brasil
Ritmo-67

As Três Mais

Natalina Castelo Branco
Olavo
Ala das Jambetes — Ala dos Funcionários
— Ala das Pretas Ricas e Ala Sambossa
Margarida e Gin
Ala das Moderninhas — Ala Deixa Comigo
— Trio Faz o Que Pode e Ala Deixa Falar
Anik Malvil
Dupla de Ipanema



As baianas representam uma tradição em Mangueira e o grupo foi aumentado para 350

Vendedor de Brinquedos	
Vendedores de Confetes e Serpentina	Ala da Juventude
Vendedores de Máscaras	
Melindrosas	Ala Garôtas do Rio
Passistas	Ala Sambossa
Vendedores de Bolas	Ala Comigo Ninguém Pode (Masc. e Fem.)
Vendedores Dinglin-Sorveteiro	Doceiro
Velha Guarda	
Baianas Tradicionais	
Compositores	Madrinha Solange
Passistas	Ala Vê Se Entende, Glaucy e Mocidade do Samba

OBSERVAÇÃO:

Este roteiro será orientado e dirigido pelos 19 Diretores de Harmonia — Xangô, Genésio, Afonso, Balalaica, Leléu, Zé Carlos, Alcides, Oscarino, Sinhôzinho, Três Pratos, Roberto Paulino, Dominginhos, Valdemar, Maurício, Alberto, Edinho, Zacarias, Jamelão e Zagaia, auxiliados pela Ala dos Boêmios e pela Diretoria da Escola.

O lado de lá da Mangueira

Atenéia Feijó

— A gente tem orgulho quando vê a quadra de ensaio cheia de visitante. A gente gosta de ver alegria dentro do samba. Mas a gente sente tristeza também, porque subir a “Curva da Cobra” pra chegar no “Pindura a Saia” e ver a situação do morro, ninguém sobe.

Do outro lado da verde-rosa, Mangueira canta sua mágoa de ser esquecida “pelos homens”, que só vão ao morro durante o carnaval para fazer “charme”, e do povo que só se lembra da Estação Primeira para se divertir e aplaudir o samba.





Gostoso mesmo é o bate-papo na casa da Neuma

Há uma corrente que afirma que o primeiro habitante de Mangueira foi Mestre Candinho, capataz de D. Pedro II. Há outra, no entanto, que diz que o primeiro morador foi o Cabo Marcelino. Mas ambas confirmam que Mangueira começou a ser habitada por gente da antiga Quinta da Boa Vista, quando ela teve de ser remodelada, no tempo do Prefeito Serzedelo Correia, em 1908.

Os moradores das casinhas existentes no parque, na maioria famílias de soldados do então 9.º Regimento de Cavalaria, comandado pelo famoso Joaquim Inácio, tiveram de se transferir para o Morro dos Telégrafos ao serem despejados do local. Receberam, no entanto, o próprio material da demolição das casinhas para que pudessem construir outras no morro. O local era conhecido apenas como Morro dos Telégrafos. Visconde de Niterói, Francisco de Paula de Negreiros Saião Lobato, ganhou grande parte da área, que lhe foi doada pelo Imperador. Esta área, atualmente, corresponde aos terrenos da Mangueira de hoje.

Em 1916, houve um grande incêndio no Morro de Santo Antônio, que destruiu uma grande quantidade de barracos, deixando dezenas de famílias desabrigadas, que se transferiram para a Estação Primeira.

Daí em diante, a proliferação de barracos foi aumentando cada vez mais no local — e, em 1935, os moradores foram ameaçados de despejo pelos proprietários do morro, descendentes de Saião Lobato. Mas os favelados venceram na Justiça, permanecendo no lugar, embora em princípios de 1964 tenham sido novamente ameaçados pelo novo dono, um português conhecido no morro como Sr. Pinheiro, que arrecadou as terras hipotecadas pelo filho de D. Julieta Saião Lobato, da Companhia Mercantil Vitória.

Chamado às pressas no morro por alguns moradores, o Dr. Rafael de Almeida Magalhães, mais tarde vice-Governador, conseguiu fazer um decreto na hora, para, logo em seguida, apoiado pelo Governador Carlos Lacerda, propor ação de desapropriação, recebendo o Estado o alvará de posse, evitando assim a realização do despejo.

Mas o processo de desapropriação ainda não acabou na Justiça, já que a transferência do título não foi concretizada por ainda não ter o Estado pago a importância relativa ao valor das terras.

Quem explica como surgiu o nome de Man-



Baiana é a fantasia preferida no morro

gueira é o Sr. Braga Neto, dono da Fábrica de Chapéus Mangureira.

— Até 1857 tudo isso era Morro dos Telégrafos, e a nossa fábrica só era conhecida como Fábrica de Fernando Braga. A coisa começou quando meu avô teve que mudar sua casa de negócios para esta região devido a um incêndio que acabou com nosso prédio na antiga Rua São Pedro. Mas o curioso nesta história tôda é que o terreno daqui era todo plantado de mangueiras fazendo com que os freguêses começassem a chamar nossa mercadoria de "chapéu das mangueiras".

Como naquele tempo, naquela área do Morro dos Telégrafos, havia apenas uma parada rápida obrigando as pessoas que ali desejassem saltar, pular às pressas do trem, ou avisar com antecedência ao condutor de que "môço, quero ficar nas mangueiras", quando a Central do Brasil resolveu transformá-la em estação, denominou-a de Estação de Mangureira.

— A última das mangueiras que denominou o lugar morreu há sete anos, mas ainda existem vários de seus filhotes no terreno da fábrica.

Depois do nome, surgiram os mangueirenses e os sambas famosos que cantam, como êsse: "Mangureira, teu cenário é uma beleza que a natureza criou" ou "Mangureira, nasceste de uma semente, à beira de uma nascente..." Mas foi Cartola, em 1928, quem cantou, pela primeira vez, Mangureira como Estação Primeira, no que foi fundada a Escola de Samba, em 28 de abril.

No entanto, Mangureira — que só canta alegria, beleza e problemas de amor no samba — também é triste, com sua pobreza, com seus barracos feios ameaçados de ruir com qualquer chuva, sem esgôto, sem água encanada e na luta constante contra o desemprego. O problema da água é solucionado através de bicas e na base da lata de água na cabeça, pois são muito poucos os casebres mais privilegiados que possuem água encanada. O esgôto é resolvido por meio de valas abertas que, nos dias mais quentes, exalam mau cheiro e, nos de chuva, transbordam nas partes mais planas do morro. Em consequência das valas, o morro é cheio de pontes de tábuas velhas, com perigo de se quebrarem a todo momento.

As vias de acesso são através de escadas e caminhos naturais escorregadios e bastante íngremes, com uma única rua calçada, a Traves-

sa de Saião Lobato, considerada a avenida do morro, que faz com que o "Buraco Quente" marque ainda mais a sua posição de bairro principal da Mangureira.

ANTE-SALA

Alguém sofreu acidente, precisa chamar a ambulância — "corre à casa da Neuma que ela providencia". Criança ficou sòzinha no morro enquanto os pais foram trabalhar — "vamos na casa da tia, que ela dá comida quente pra gente".

A casa da Neuma é a ante-sala do morro. Não há ninguém que vá à Mangureira que nunca tenha passado na casa de D. Neuma, Tia Neuma ou Neuma simplesmente. A gente passa por lá para tomar um cafêzinho, falar no telefone, "filar uma bóia", ou saber das novidades. Mas no fundo tudo é pretexto: gostoso mesmo é o bate-papo da Neuma.

Neuma Gonçalves da Silva, filha do compositor e primeiro Presidente da Escola, Saturnino Gonçalves, já foi pastora de primeira categoria e porta-bandeira. Hoje, Neuma vê com o maior orgulho suas filhas desfilar em verde-rosa na Avenida Presidente Vargas, como ela fazia nos velhos tempos.

A qualquer hora que se entre no "barraco" da Neuma, principalmente à noite, encontra-se no mínimo 15 pessoas. Quem quiser escutar histórias do morro é só procurá-la. É ela quem conta que Mangureira é uma família só, "somos todos parentes, aqui existe quebra-galho para tudo".

Quando morre alguém no morro, todos ajudam, defunto não fica abandonado por falta de dinheiro para enterrar. São logo tomadas as providências através de listas de "apelação". No gurufim (velório) todos vão para a casa do morto e ficam até a hora da saída do corpo. Os donos do barraco ganham café, manteiga, leite, pão, açúcar, muita cachaça e vinho doce para servir aos visitantes e amigos. Mas nisso tudo, há sempre os famosos "papa-defuntos" — nêgo que gosta de procurar gurufim para beber e comer de graça e se divertir contando casos aos visitantes — explica Neuma.

FESTAS

A alegria de Mangureira são os dias de festa. Tradicional e a mais bonita festa do morro é a festa de Nossa Senhora da Glória, no Largo

Êles fazem qualquer sacrifício para dar um "festão"

da Glória, no "Buraco Quente". Fica lá a Capelinha da Santa e a atual igreja da padroeira dos moradores da Estação Primeira.

No dia 15 de agosto, todos se reúnem no "Buraco Quente", fazem lista, compram fogos, bandeirinhas, velas, contratam padre, missa, enfeitam a rua (Travessa Saião Lobato) e fazem a procissão. As môças se vestem de azul-e-branco e os rapazes também. As crianças ganham roupinhas da mesma côr, só que em estampadinho miúdo, geralmente bolinhas.

De manhã, o mais bonito é a comunhão. Esse dia é praticamente oficializado como o "Dia da Primeira Comunhão". Todos os anos, as crianças, na idade de comungar pela primeira vez, descem o morro vestidas iguais, de fustãozinho branco, livro de missa e rosário na mão. Ao cair da tarde, às 18 horas, é o morro todo que desce de velas acesas para a procissão com andor da imagem da santa enfeitado que sai da igreja, vai até ao Largo da Glória, desce até à Rua Visconde de Niterói e torna a subir. D. Joana Ferreira de Sousa, que veio para Mangueira com três anos de idade, é quem organiza a festa.

— Isso já é tradição. Antigamente, quando ainda não havia a Escola de Samba no morro, e só tinha aqui um time de futebol para despistar a polícia, o Largo da Glória já existia com a nossa festa. Naquele tempo a missa era ao ar livre. O Padre João é que fêz a igreja mais lá embaixo, onde são realizadas as missas de Nossa Senhora às 6 horas da manhã, a da noite e a ladainha.

Depois da procissão, é a festa da rapaziada, com baile, bebida e muita alegria. É quando surgem as promessas de amor e começam muitas das vêzes os primeiros namoros, porque casamento também é assunto importante no morro.

Quando os pais da noiva têm algum dinheirinho, casório é a coisa mais luxuosa e mais comentada em Mangueira. Êles fazem qualquer sacrifício para dar um "festão" e adiam o casamento até poder fazer isso. As noivas procuram o melhor dentro de suas condições para se apresentar. Casar no civil e religioso é questão de orgulho.

Na Mangueira não se usa cumprimento na igreja, só na casa da noiva. Geralmente casam aos sábados, e a noiva arruma seu quartinho desde quarta-feira para que seja visitado até a hora de ela ir para o religioso, e a partir deste dia começa a ganhar os presentes. O mais



*A comemoração da conquista
do título é a grande alegria da
Mangueira*



**Fazer a fantasia
compensa o esforço de
trabalho diário**





As preocupações das tarefas normais de uma dona de casa, são compensadas no morro quando chega a hora de bordar a fantasia. Cada qual quer se apresentar melhor. Mangueira, a Escola de Samba, é o grande orgulho delas e tôdas só pensam numa só coisa: o dia do desfile

Na Mangueira, prato do dia é angu, couve e torresmo



Jamelão melhorou de vida, ficou famoso, mas não esqueceu os amigos nem abandonou o morro

bonito do casamento é quando a noiva mora no alto do morro e vem descendo para tomar o carro lá embaixo, na Rua Visconde de Niterói ou na Travessa Saião Lobato.

Os vestidos geralmente são de cetim ou renda, e quando o pessoal vê que a moça vai casar "bonitinha" ou "direitinha", tem sempre alguém que faz questão de dar o traje de noiva. A festa é sempre de noite, quando o casal volta da igreja; e, nessa hora, não pode faltar o porco que é engordado com antecedência para o "grande dia". Os salgados, o chope e a batidinha ficam em segundo plano. É indispensável também o tradicional "bôlo da noiva", acompanhado de champanha.

Viagem de núpcias não existe em Mangueira, porque, depois da festa, o dinheiro não sobra para mais nada. Quando é meia-noite, a noiva tira o véu, joga o buquê e vai para seu barraco nôvo ou quarto. O povo costuma dizer que todos os casamentos são iguais, uns mais pobres que outros, mas sempre uma razão de alegria. Só não tem festa mesmo quando a situação está muito ruim, ou quando os noivos resolvem se amigar de uma vez. Mas não é raro, que, anos depois, já com filhos, acabem se casando no civil e religioso, como Zica e Cartola fizeram.

Aniversário de 15 anos também é considerado uma data muito especial. Nessa ocasião os pais fazem a roupa da filha tôda branquinha, inclusive as peças mais íntimas e os que podem mandar até celebrar missa. Os que não podem, assistem junto com ela a qualquer missa, na igreja de sua preferência. Isso é pela manhã. À noite, tem festinha na base do disco na vitrola (se não têm, pedem emprestado) com "primeira valsa" e tudo. Tem bôlo confeitado e sorte também. A mais usada é a da aliança: pendura-se uma porção de fitinhas enfeitando o bôlo, numa delas tem uma aliança enterrada. A moça que a tirar é quem vai casar mais depressa.

SOPA DE ERVILHA

Na Mangueira, o prato do dia é angu de fubá, couve (ou qualquer outra erva) e torresmo. Feijão e arroz não é para todo mundo. É prato caro no morro, só comido durante a semana pelos mais privilegiados, a chamada "classe média" da Mangueira. Mas o angu à baiana, por ser feito na base do bofe e angu de fubá, sempre é uma boa pedida. Agora, o que é



Na Avenida, esquecida da vida no morro, a baiana só deseja levar sua Mangueira à vitória

considerado como "prato da casa" é a tradicional sopa de ervilhas à moda da Mangueira. Não há barraco que não a faça, pelo menos, duas vezes na semana.

Já aos domingos, os moradores fazem questão de comer galinha, carne assada, rabada ou qualquer outro tipo de carne para, pelo menos neste dia, "tirar o pé do lodo". Só mesmo os que estiverem "muito a perigo" é que não capricham na bóia domingueira.

Os homens de Mangueira geralmente são operários e trabalhadores braçais de um modo geral, embora haja quem tenha chegado a engenheiro, como o neto de D. Virgínia, por exemplo, cuja morte entristeceu o morro inteiro. Mas a maior parte das mulheres que trabalham fora são empregadas domésticas, lavadeiras e cozinheiras. São elas que gostam de variar, de vez em quando, a comida do barraco. Elas costumam dizer, inclusive, que "a situação tá tão ruim, que agora em casa de bacana comem o que a gente comia antigamente". As cozinheiras chegam contando que ganham dinheiro em casa de família para fazer bife, ovo, batata frita e feijão com arroz, porque quando querem variar, as patroas não deixam com medo da despesa aumentar. Mas tem outras que não se queixam, e quando têm um dinheirinho a mais, gostam de fazer em ocasiões especiais "comida de branco", ou seja, pratos que aprenderam nas casas das patroas como "strogonoff", suflês, panquecas, etc.

Não há mulher em Mangueira que não saiba fazer comida de forno, principalmente empadas, pastéis e bôlos. 90% têm fogão a gás, e fazem questão de elas mesmas prepararem a massa; dificilmente recorrem às encontradas já prontas. O bôlo mais comum é o tradicional de farinha de trigo. Os doces em calda são feitos na época de São Cosme e São Damião. É quando se pode encontrar nos barracos doce de côco com abóbora, banana em calda, mamão, laranja da terra e cocada.

De uma maneira geral, não existe indústria caseira na Mangueira, e a última doceira, D. Matilde, já morreu há cinco anos, e depois dela ninguém a substituiu. Ela era famosa pelo cuscus e as cocadas que sabia fazer. Agora, não quer dizer que não existam boas doceiras, mas nenhuma que se destaque como a mãe de Delegado ou a D. Matilde. Acontece que atualmente o que rende mais são os salgadinhos, vendidos defronte à quadra nos dias de ensaio. E nesse caso o que interessa é a quan-

Atualmente o "quebra-galho" é o Armazém Triunfo

tidade. Por causa disso, às vezes, sai até briga: cada uma quer ter seu ponto certo.

Mas, em matéria de doceiras, o bom doceiro é o Seu Celso, considerado atualmente o "bamba" em docinhos e salgados. Seu Celso está em Mangueira há 36 anos e é famoso pelos pastéis, empadas, sonhos, pudins, rosquinhas e biscoitos, que ele mesmo faz e vende em sua tenda. Ele considera como especialidade da casa os sonhos, mas é mais procurado pelas empadinhas recheadas de chuchu, camarão e azeitona, e pelos pastéis, quentinhos, feitos na hora. Tem freguês até de Copacabana e recebe encomenda para casamentos e batizados de gente do morro e de fora também.

Seu Celso tem uma tendinha diferente na Mangueira, que não vende bebida em balcão. Quem quiser comprar uma garrafa de cerveja, pode, mas tem que tomá-la em casa. Ele conta que se aperfeiçoou com um confeitiro francês, mas faz questão de afirmar que começou mesmo a aprender com as "quituteiras" do morro. Chegou a trabalhar, inclusive, nos bons tempos da "Manon".

COMÉRCIO

Em Mangueira dificilmente se usa o termo "brosca", o comércio é feito na base da "tendinha", e todo o movimento se concentra no "Buraco Quente". Ali é que se centraliza todo tipo de tendas, cerca de vinte, com sapateiros, alfaiates e barbearias.

A tenda do Seu Zé era a mais famosa, embora a do "Louro" fôsse a mais barateira. Seu Zé de Castro é um português naturalizado que mora em Mangueira desde 1918, montando o Armazém de N. Sr.^a da Glória, mas que todo mundo só conhecia como a "tendinha do Seu Zé". Para os moradores, ele era tido como o "pai dos pobres", porque atendia de acordo com o dinheiro do freguês. Ninguém saía de sua casa sem mercadoria. Mas, há coisa de um ano, ele vendeu a tendinha para o "Louro".

Atualmente, o "quebra-galho" é o Armazém Triunfo, que o povo chama de "Venda Nova". Lá, como o Seu Zé fazia, o Seu João também vende a granel. "Nêgo tá duro", pede duas batatas e Seu João não cria caso: pega nas batatas, pesa e diz o preço. Mas, aí, o dinheiro sempre dá. É só uma questão de jeito, e na "Venda Nova" se encontra jeito pra tudo. NCr\$ 0,10 de banha, NCr\$ 0,50 de manteiga, NCr\$ 0,30 de açúcar, três cigarros e daí por diante.

Por estas razões, os moradores de Mangueira estão tristes e preocupados. Com o alargamento da Rua Visconde de Niterói, o Armazém Triunfo, que ali existe há 46 anos, terá de ir abaixo deixando-os, assim, sem a "compreensão" e camaradagem de Seu João. Na mesma situação se encontra a antiga Leteria Metropolitana, fundada em 1934, atual Padaria Kixu, a única no morro.

O povo da Estação Primeira também se abastece na feira, na Rua Ana Néri, mas só compra verdura quem tem geladeira no barraco (são poucas as geladeiras no morro). Quando não têm, a solução é comprar aos pouquinhos, nas quitandas do Tagiba (no Largo da Glória), no Félix (na Travessa Saião Lobato) ou na D. Joana (também no Largo da Glória). Lá o preço é razoável. Se vender muito caro, perde a freguesia. Açougue só tem um, na Visconde de Niterói. Mas quarta e sexta-feira são dias de comer peixe (principalmente frito) que é comprado na feira.

No "Buraco Quente" existem ainda três barbearias que cobram o corte de cabelo a NCr\$ 1,50 e a barba a NCr\$ 0,80. Uma oficina que se resume numa cobertura de zinco para consertar rádios e ferros elétricos, e duas sapatarias que consertam e vendem sapatos na base de NCr\$ 6,00 a NCr\$ 7,00.

Mangueira tem também cabelereiras, manicuras e costureiras que fazem uma boa fêriazinha durante o carnaval, fazendo as fantasias das alas. Mas as costureiras só cortam e costuram a roupa, porque cada sambista perfere bordar a sua própria fantasia. D. Isabel, que costurou a primeira bandeira da Escola de Samba de Mangueira, ainda borda umas baianas, mas só à máquina, embora continue morando no seu barraco de pobre, no "Buraco Quente". Além de bordar, ela também confeita bôlo para as festas do morro. D. Isabel é mãe da Mocinha e cunhada de Raimunda, a primeira Porta-Bandeira que a Estação Primeira teve.

Alfaiates, existem dois, o Santos, que faz até calças para alfaiatarias da cidade, e o Roxinho, famoso por ser o responsável, todos os anos, pela roupa da Ala da Bateria.

EXPECTATIVA

Não há posto policial em Mangueira, mas a Polícia sobe o Morro para garantir o sossego das famílias. Vem do Distrito, da Invernada e do 4.º Batalhão, que manda uma escolta, diariamente, promovendo uma ronda perma-

Carlinhos ganhou o título de "Pandeiro de Ouro", mas divide as glórias com Rogério e Pimpolho



Caso de polícia mesmo é hoje pouco comum

nente na base do revezamento. Uma vez por outra, o DOPS também aparece. Mas a época da navalha e tiro já passou: agora é muito raro. Mangueira é um morro pacato, já se foi o tempo dos valentes. O mais famoso, que mais apavorou a gente do lugar, foi Mauro Guerra (atualmente com bom comportamento na Lemos Brito), porque o "Carne-Sêca", por exemplo, embora bandido para a Polícia, era muito decente no morro.

As brigas ainda existem, mas a maioria é de marido e mulher e bate-bôca de comadres. As mais freqüentes são de mulher; os homens quase não brigam. Quando o fazem, é "briga de respeito", sem bate-bôca, resolvem na arma. No entanto, caso de polícia mesmo é hoje pouco comum.

Curioso também é o boteco "Só Pára Quem Pode", que fica ao lado da quadra de ensaios, e recebeu êste nome devido às batidas da polícia, só podendo ficar ali quem tivesse os documentos no figurino. Mas o "Só Pára Quem Pode" é o boteco da gente bem, porque, além de ser a tenda mais cara do morro, é muito freqüentado por "branco bacana".

No morro existe ainda o "dia da expectativa", quando ninguém faz nada em casa, a não ser as mulheres que arrumam o barraco e preparam o almoço logo pela manhã, bem cedo. Isso tudo para descerem juntos com os homens e as crianças, que se aglomeram na rua principal com rádios de pilha, a fim de, todos juntos, escutarem o resultado da apuração do desfile das escolas de samba, após o carnaval.

Em Mangueira só se esquece do samba em dia de Natal. Ninguém abre mão da consoada de meia-noite, no dia 24. Só não tem peru. O resto — rabanadas, "coquinhos", castanha, salada de fruta, abacaxi, bolinho de bacalhau — não falta. Tem quem faça pernil ou galinha assada. Mas o prato tradicional dêsse dia é a famosa bacalhoadada. A família tôda se reúne para a consoada e depois sai para a visitação. Cada um vai provar a rabanada do vizinho. Quem não aceitar o vinho do outro é levado a mal. A festa vai até o dia 25 à noite, quando ninguém faz almoço, porque a consoada dá sempre para a bóia do dia seguinte. Só nessa data é que o povo da Estação Primeira trai o carnaval. Porque, antes mesmo de chegar o meio do ano, êle já está pensando em economizar e juntar dinheiro para, em agosto, já poder comprar os tecidos para as fantasias. E tudo, então, passa a funcio-



A francesa Anik Malvil aderiu à



vida do morro, entusiasmou-se com Mangueira e também ajuda a Escola no desfile

Distrações, só mesmo a Escola de Samba

nar em relação ao samba na Avenida. Qualquer dinheirinho extra — serão, biscates, 13.º, férias — tudo é guardado e acumulado para uma fantasia melhor. Homens e mulheres aumentam suas horas de trabalho.

Em Mangueira ninguém tem medo de assombração, mas muitos vão ao terreiro com medo de olho-grande. Por isso, no morro ainda se vende fumo de rôlo, não só para deitar galinha para "sair pintinho", como para banho de ervas. Quanto ao jôgo-de-bicho, entre os mangueirenses, não existia banqueiro; havia apenas dono de ponto.

No que diz respeito a distrações, só mesmo a Escola de Samba. Quando termina o carnaval, o morro fica triste. Não há cinema perto, as crianças brincam na rua, soltam pipa, balão, jogam bola de gude, pião, e bola de pneu também. A época melhor para elas é antes dos desfiles das escolas e a Semana Santa, quando imitam a bateria batendo em latas velhas e malhando o judas a semana inteira. As meninas raramente brincam de boneca, talvez por já serem habituadas desde cedo a tomar conta dos irmãozinhos menores — preferem se divertir fazendo "comidinha". Os homens jogam futebol na quadra de ensaios, jogam sueca, damas ou dominó, enquanto as mulheres se limitam a ver televisão nos barracos dos mais privilegiados. Quanto às moças, são as mais sacrificadas — os ensaios da Estação Primeira são o melhor período do ano para elas. É quando são admiradas pelos visitantes, exibem-se como pastôras e flertam com os rapazinhos da zona sul.

A única escola no morro é a "Humberto de Campos", no "Buraco Quente". Quanto a pôsto de saúde, médico e enfermeira, não existem em Mangueira. Mas, em compensação, está cheia de curiosas, rezadeiras e parteiras: As mais conhecidas são D. Irene, D. Piquitita, D. Virgínia e D. Sindoca. Elas rezam as crianças de mau-olhado, quebranto, ventre virado (dissenteria), cobreiro, caxumba, espinhela caída, nervo torcido, destroncamento, dor de cabeça, dor de dente. Junto com as rezas, elas usam remédios, afumantação, arruda com azeite de amêndoa doce, óleo de carnaúba, alho, azeite doce e leite de peito.

PAU COM FORMIGA

O que surpreende os visitantes quando vão à Estação Primeira é saber que no morro exis-

tem, pelo menos, dez telefones, coisa difícil de se encontrar em favela. E em questão de telefone, o mais conhecido é o da Neuma, que, em vez de prêto, é vermelho e dificilmente pára no gancho.

Os apelidos são muitos, e a fofoca também, mas cara estranha que sobe Mangueira procurando qualquer "Zé" só leva como resposta o tradicional "não conheço não, seu môço" — mas se sobe credenciado, acompanhado com alguém do morro, obtém logo a informação.

Outra coisa típica da Mangueira são os pontos de encontro dos homens, chamados de "sindicatos". Tem o "Sindicato dos Velhos", lá no Chicão (no "Buraco Quente"), o "Sindicato da Amendoeira" (no Armazém Triunfo), o "Sindicato do Miltinho" e outros. Nos sindicatos, os homens bebem e põem o assunto em dia, inclusive o samba. Bebe-se muito em Mangueira e não há ninguém que não tenha provado do seu leite-de-onça. Mas quando o pé começa a inchar é mau sinal, e eles dizem logo: "Cuidado com a cachaça de fulano que está matando". Então, se transferem para outro sindicato, mas não perdem o costume da cachacinha.

Em qualquer barraco é comum a gente escutar "fulano tá clareano", gíria antiga da Mangueira que quer dizer melhorando, ou "sigura", num aviso de que o papo não é para ser passado adiante, da mesma forma que muitas outras gírias que rodam agora por tôda a cidade. A mais engraçada, no entanto, talvez seja "está pau com formiga" que, traduzido, é a mesma coisa que "está duro de roer". Mas entre as mulheres, a mais atual é "pelo amor da santa" que quer dizer só fica entre nós, não espalha.

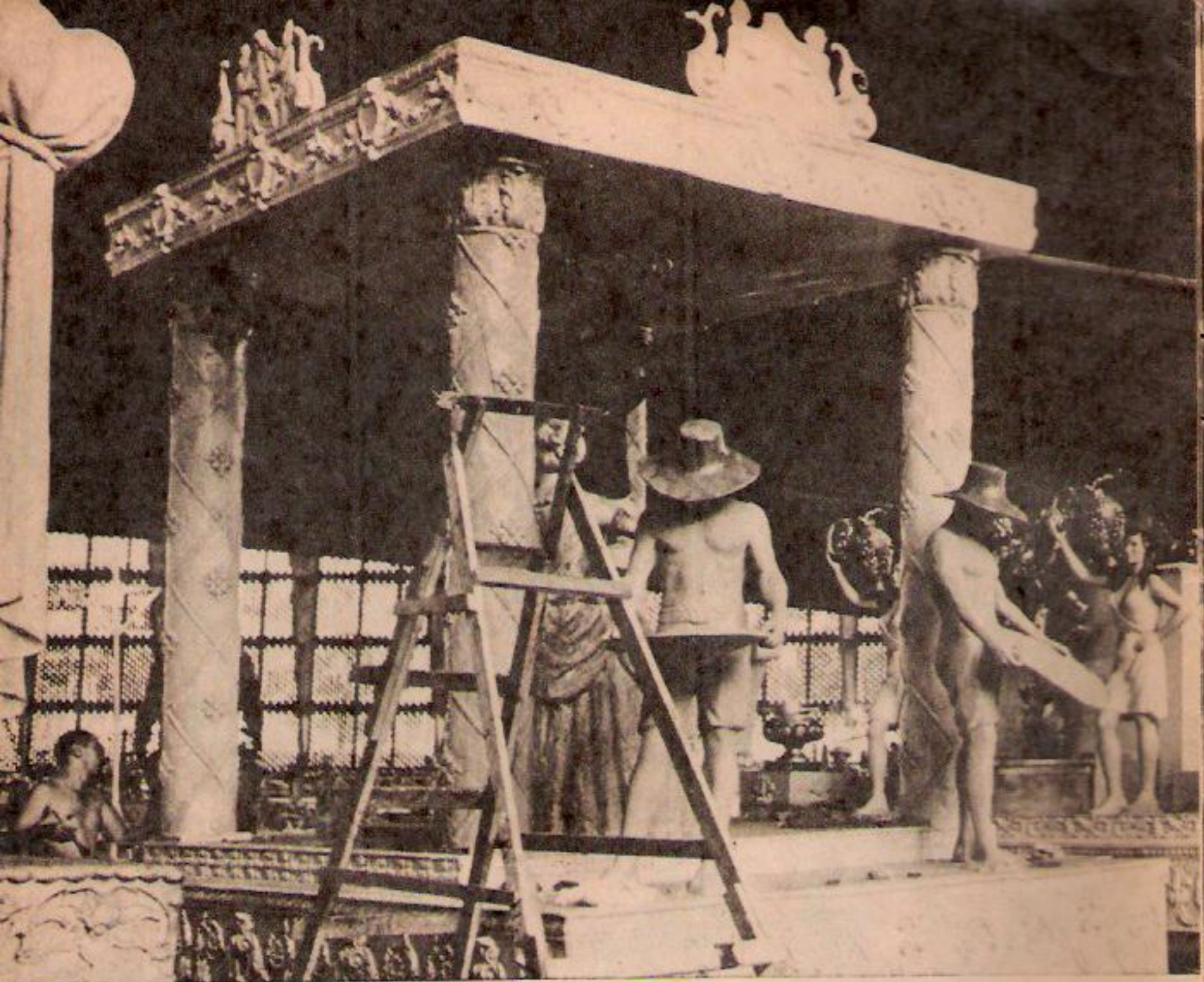
Quando nasce uma criança, cada um comemora a seu modo. Os cariocas e os mineiros comemoram com vinho, os paulistas não oferecem nada, enquanto os nortistas convidam os amigos para tomar o "xixi", o "cachimbo da criança", que são bebidas típicas de misturas que eles mesmo preparam à moda da terra deles. Isso acontece, entretanto, quando a situação dá para o gasto. Porque, conforme a maioria diz, é duro morar de sete a doze pessoas num barraco só.

— É pau com formiga, mas não há de ser nada, a gente ainda vai clarear...

Mas é subindo a Curva da Cobra e chegando no "Pindura a Saia" que se conhece O LADO DE LÁ DA MANGUEIRA.



O conjunto show Brasil Ritmo-67 e Maria Helena são hoje sucesso nas noites cariocas



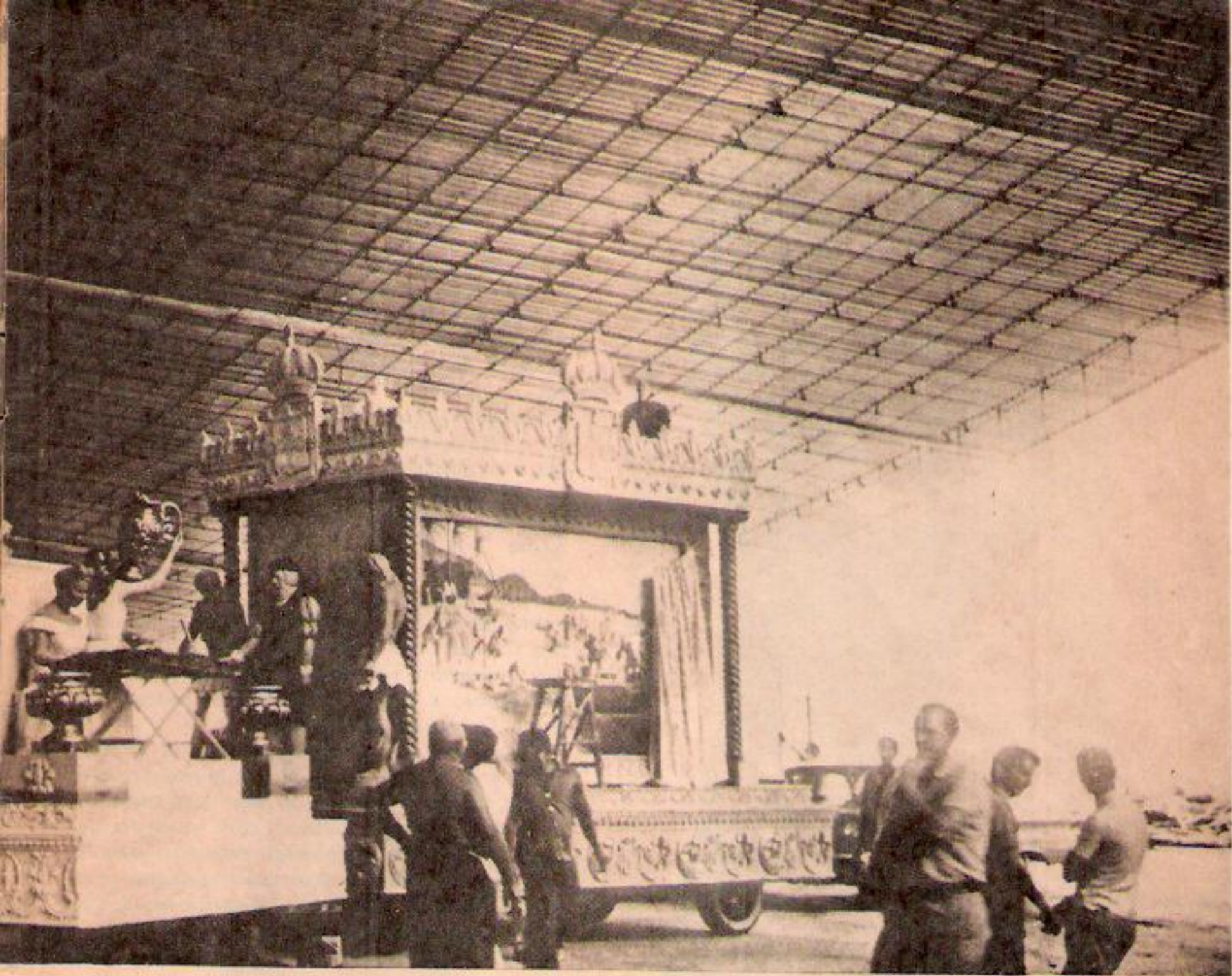
Perseguição ao 10 fêz Mangueira contratar Augusto

A verdadeira perseguição à nota máxima no item de Alegorias, levou Mangueira a contratar o veterano artista Augusto de Almeida, escultor e pintor profissional que faz carnaval desde 1930, quando começou no Rancho Última Hora.

Augusto de Almeida, chamado pela Comissão de Carnaval para apresentar o croquis dos carros, logo mostrou sua competência e fino gosto artístico. Aprovado imediatamente, iniciou seu trabalho mais precisamente em agosto, e sua técnica foi distribuir com perfeição, arte, cores, luzes e movimento em todos os carros. Desde nove anos de idade, Augusto de Almeida aprendeu escultura com seu pai. Ele conta com simplicidade que antigamente os pais gostavam que os filhos seguissem um ofício e isso fêz com que se descuidasse um pouco dos estudos.

— Mesmo porque — acrescentou — fiquei fascinado pela escultura.

Aos poucos, Augusto de Almeida foi se dedicando também a pintura de quadros e painéis. No entanto, premido pelas dificuldades de so-



brevivência de um artista, foi obrigado a trabalhar em arte comercial, dirigindo fábricas de manequins, para ganhar dinheiro.

Por esse motivo, Augusto de Almeida colocou inúmeros "bonecos" nos carros alegóricos da Mangueira; todos com expressões originais e perfeitos anatômicamente.

Sua especialidade é esculpir em argila, mas nos carros da Mangueira, Augusto de Almeida usou o emplastamento com papel maché, francês.

Augusto de Almeida não fazia carros para Escolas de Samba. Ele se dedicava a Ranchos e Sociedades, mas a Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis resolveu um dia convidá-lo e ele acabou aceitando. Durante seis anos, numa Escola de possibilidades modestas, Augusto de Almeida colaborou para seu carnaval e sempre seus carros mereceram destaque.

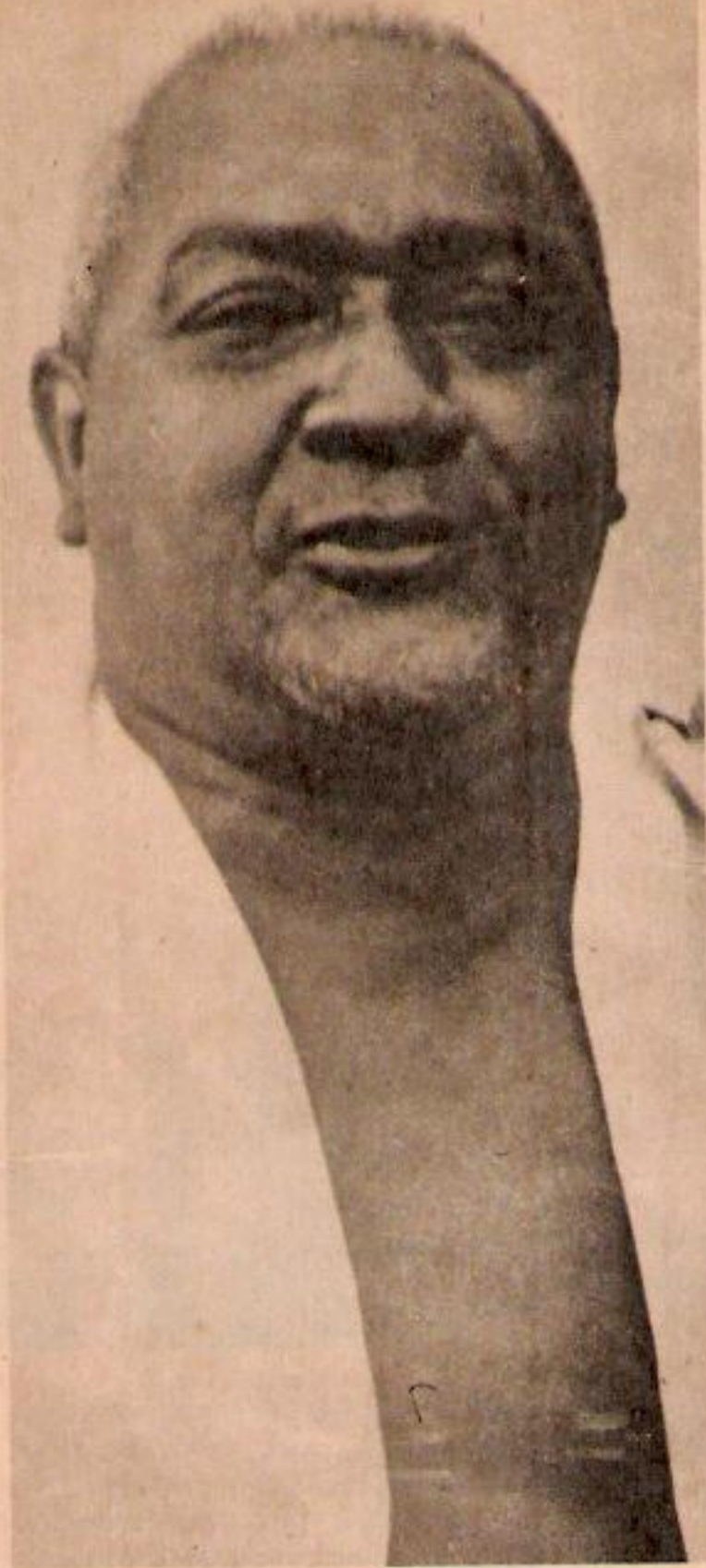
No seu barracão, trabalharam 10 profissionais na confecção das alegorias da Mangueira, mas quase 50 pessoas auxiliaram essa equipe, seja pregando uma simples ripa ou até levando comida ou salgadinhos, refrescos ou cervejas para os trabalhadores.

A ideia dos quatro carros é a seguinte: o Abre-Alas é uma porta com uma grande coroa e uma cortina. Nêle foi colocado um aparelho eletrônico com três faces onde a Mangueira apresenta seu escudo, sua saudação e seu enredo.

Na primeira alegoria, o artista idealizou a Chegada dos Conquistadores. Três painéis, pintados por ele próprio, mostram a fase da chegada dos portugueses no Brasil. Na frente do carro, dois índios recebem os presentes de um descobridor.

Na segunda alegoria, denominada O Cíelo de Ouro, ele representa o garimpo, um salão elegante e o batuque do negro nas senzalas. No salão elegante, um casal dança uma valsa ao som de um cravo e uma dama observa o ambiente.

Na terceira alegoria, Augusto de Almeida procura mostrar uma Praça de Vendedores. O chafariz, estilo colonial, embeleza a Praça e dos querubins jorra água. As aguadeiras, a baiana quituteira, tão tradicional nas épocas passadas, e o vendedor de cata-vento também não foram esquecidos pelo artista.



Mangueira não se subdividiu

Com as eleições na Escola no ano passado, a Mangueira só pôde iniciar em julho os seus trabalhos para o Carnaval de 1969. A antiga diretoria foi reeleita e fomos chamados novamente para presidir a Comissão de Carnaval.

Formada a equipe, com *Ciro, Aristóteles, Célio e Dácio*, cada um recebeu uma incumbência e o objetivo foi o mesmo dos dois anos anteriores: não se mudou nada que havia conseguido a nota máxima.

Assim, *Neide e Delegado* continuam como os primeiros *Porta-Bandeira e Mestre-Sala*; *Julinho Matos*, vencedor durante seis anos consecutivos de figurinista de fantasias, voltou a arcar com essa responsabilidade; *Mestre Valdemiro* dirigirá a Bateria; *Xangô*, a Harmonia; e a Ala dos Duques prosseguirá como Comissão de Frente.

Até mesmo a estrutura e a organização do desfile foi mantida. Como a Mangueira cresceu muito, fomos obrigados a fazer um trabalho mais detalhado e técnico com respeito ao desfile. De 4.800 sambistas passamos para 6 mil. Isso poderia provocar um transtorno para os diretores de Harmonia organizarem a Escola na Avenida Presidente Vargas.

No entanto, decidimos não aumentar o número de Alas e sim o grupo de componentes em cada uma delas. A Mangueira não se subdividiu. Hoje, a Bateria conta com 365 pessoas, quando anteriormente normal era de 185. As baianas elevaram de 200 para 350 o seu número e as outras Alas, cuja a média de participantes era de 15, passou a ser de 20. Voltamos também a usar o enredo didático, porque entendemos que é a melhor maneira de explicar ao público e aos juizes a história que apresentamos. Inicialmente, o enredo em mente era *Essa Nêga Fulô*, mas por motivos técnicos, fomos obrigados a optar por **MERCADORES E SUAS TRADIÇÕES**, de autoria do jornalista *Agostinho Seixas*.

Em rápidas pinceladas, foram essas as idéias da Comissão de Carnaval. O objetivo, é fazer uma melhor apresentação da Mangueira para o povo e a imprensa, que sempre nos prestigiaram. O trabalho, foram noites e noites sem dormir, com afazeres ou preocupações. Mas, a Mangueira está aí e precisa do seu incentivo para conquistar o tricampeonato.

Djalma dos Santos
Presidente da Comissão de Carnaval

Os Heróis da EBAL apresentam

Mercadores E Suas Tradições

Samba-enrêdo de
HELIO TURCO — DARCI
e JURANDIR

Abriu-se
A cortina do passado
Neste palco iluminado
Onde tudo é carnaval
Vamos recordar
Nesta grande apoteose
Uma história triunfal
Brasil dos mercadores
Aventureiros e sonhadores
Que desbravavam o sertão
Dêste imenso rincão

(Bis) { Foi tão sublime
O ideal dos pioneiros
Bandeirantes de um progresso
Soberano e altaneiro

Na imensidão de nossas matas
Cachoeiras e cascatas
Fontes de riquezas naturais
Era extraído o tesouro
Onde imperava o ouro
E os verdes canaviais
Em Vila Rica os mercadores
Ostentavam seus brasões
Nos elegantes salões
Longe, ao longe então se ouvia
A suave sinfonia
Dos mascates em pregões

(Bis) { Glória a êstes bravos
Que lutaram por um ideal
E conseguiram conquistar
As riquezas do Brasil colonial

